

Entrevista com Jaime Rocha¹

Camille FERREIRA*

1. Quais livros marcaram mais sua trajetória como leitor?

O primeiro livro que me marcou foi na adolescência o «Crime e Castigo» de Dostoievsky. Depois foi a «Metamorfose» de Kafka e os contos de Edgar Allan Poe. A seguir, iniciei a leitura de poesia de que sublinho a descoberta do poeta português Herberto Helder, dos poetas franceses Baudelaire, Rimbaud, Apollinaire, Artaud e dos ingleses Blake, Shelley e Keats.

2. Quais autores foram seus inspiradores?

Os autores que mais me inspiraram, já enquanto jovem escritor, para além dos referidos foram os surrealistas e expressionistas misturados com os românticos e os simbolistas: Breton, Elouard, Péret, Aragon, Cocteau, Verlaine, depois Rilke, Holderlin, Byron e os portugueses Antero do Quental, Cesario Verde, Mario de Sá Carneiro, Antonio Maria Lisboa, Cesariny, etc. Muitas leituras em vários sentidos à procura de uma voz própria. Também o escritor português Raul Brandão. Autor de um livro genial «Húmus» e de um outro que me marcou pela minha ligação ao mar (visto ter nascido numa terra de pescadores, uma terra de muitas tragédias, Nazaré, a norte de Lisboa), «Os Pescadores». Cresci de facto, literariamente, dentro de uma amálgama poética, mas não sinto que o que escrevo possa inserir-se numa corrente literária concreta ou pertença a uma família poética portuguesa ou estrangeira. Vejo a minha obra como um texto solitário.

3. Pesquisando sobre sua biografia, verifica-se que se destaca mais com livros de teatro e poesia, isso se deve a uma preferência?

A minha primeira escrita foi no domínio do teatro por ter crescido numa terra com naufrágios permanentes e assistir aos gritos das famílias, à dor, ao sofrimento, ao luto, às tragédias, numa praia sem porto de abrigo, onde diariamente havia barcos que se viravam nas ondas. Era um ambiente muito trágico, muito visual e de bastante diálogo, propício ao Teatro. Alguns escritores e dramaturgos portugueses como Bernardo Santareno, Miguel Torga, Alves Redol, Branquinho da Fonseca, Raul Brandão escreveram sobre a Nazaré e o seu povo. Isso deu-me algum fôlego para iniciar a leitura de dramaturgos decisivos para o meu crescimento enquanto escritor como Sartre, Ionesco, Strindberg, Beckett (este foi decisivo para mim) e depois Shakespeare até descobrir os clássicos que mais tarde me influenciaram, os

¹ Entrevista realizada em Junho de 2017 como parte da Dissertação de Mestrado intitulada *Para além da cegueira e da loucura: aproximações entre Jaime Rocha e José Saramago* e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação do Professor Daniel de Oliveira Gomes.

* Mestre em Estudos da Linguagem.
E-mail: nnoille@hotmail.com

gregos Ésquilo, Eurípedes e Sofocles (daí eu ter reescrito os mitos gregos em alguns livros meus de teatro). Ao mesmo tempo surgiu a poesia e estes dois géneros literários foram-se mantendo a par ao longo dos anos. Entremeados com alguns pequenos romances cujo mais recente é «Escola de Náufragos», precisamente sobre a temática da tragédia, da morte, da sobrevivência.

4. Em suas obras, tentou de alguma forma criticar algum ponto específico da sociedade empírica?

Nas minhas obras não existe uma crítica explícita à sociedade porque não possuem características panfletárias, mas uma crítica implícita àquilo que vou observando e discordando e faço-o através de um tratamento literário muito reflectido, muito pensado, com o humor negro, ácido, que caracteriza o meu teatro e com o mundo alegórico, imaginativo e visual que crio na minha poesia. Entre o meu ser social e o meu ser criativo não há grande coincidência. Não tenho um comportamento trágico, misantrópico nem caótico quando me encontro em situação de «convivente». Mas quando escrevo revela-se um mundo interior dominado pela violência, por um imaginário antigo e amoral. Não penso que seja um caso de esquizofrenia patológica. Trata-se simplesmente de camadas do ser, círculos do inferno que se vão tornando mais assustadores à medida que descem para a obscuridade e para a intimidade.

5. Quando escreveu o livro “A Loucura Branca”, houve alguma inspiração específica?

«A Loucura Branca» surge no final dos Anos 80, início dos anos 90, quando a cidade, a grande metrópole, neste caso Lisboa, se começa a tornar agressiva em todos os sentidos – ruído, poluição, agressividade, muita gente, transportes, lixo, ecos de guerras, algum caos, políticas antipopulares, depressão e loucura. Muita inquietação e desespero nas pessoas e uma indefinição face ao futuro. Também o início da desagregação da Família enquanto pilar da sociedade – os divórcios, os filhos fora de casa, as drogas, tudo isso que se pode sentir quando se vive numa grande cidade.

6. Houve alguma referência literária que o levou a escrever o livro?

Não houve, embora o título seja tirado de um verso do poeta Herberto Helder: “Entrou na minha vida uma loucura branca” e que tem a ver com a leitura que fiz da obra deste poeta e também sobre a minha apreciação da sociedade e das questões do mal e da loucura que sempre me interessaram literariamente. Na altura eu ainda era jornalista, como sempre fui, e fiz

algumas reportagens sobre esta matéria e sobre as questões do comportamento humano em sociedade.

7. Houve alguma referência filosófica na escrita de “A Loucura Branca”?

Não, apenas poética e literária face ao meu quotidiano da altura como específico na resposta anterior.

8. No que diz respeito ao adjetivo branco utilizado para definir a loucura do personagem Vítor, poderia falar um pouco sobre essa escolha?

O Branco é para mim o indefinido por um lado, o belo, mas também o que esconde uma possibilidade de outras cores, estas em tons mais escuros e dramáticos como vermelho, o preto, o castanho. É também o nu, o despido, o momento em que a mente inicia o seu processo de enlouquecimento, em que a imaginação e os sentidos podem começar uma caminhada para a loucura, ou seja, colocar nesse espaço vazio toda uma carga de emoções, medos, uma entrada no interior da mente, nos pensamentos sórdidos, no mal. Sublinho que a minha abordagem ao texto é sempre literária, poética, virada para a sensibilidade, para os sentidos e não para a razão, para a análise e psicanálise. É tudo a partir do real e reconstruído numa narrativa muito pensada, de facto - seja poética, dramática ou ficcionada – mas sempre dentro de uma possibilidade de real. A personagem de Vítor inicia esse caminho para o enlouquecimento a partir de um objecto estranho que recebe em casa, um objecto normalíssimo, um pisa-papéis de vidro, e sai de casa sem saber se estava doente ou se era o objecto que o estava a enlouquecer. A seguir, é a sua história de rua, de paixão e cegueira. Mas quando sai de casa, será que o faz por estar já perturbado ou por se sentir dominado por um objecto que lança uma luz estranha. O que é a loucura? Não sabemos.

9. O que pensa sobre o autor José Saramago? E, em especial sobre a obra “Ensaio sobre a cegueira”?

É um grande autor, um escritor que revolucionou de algum modo a literatura portuguesa, na linguagem, na temática e no compromisso entre a escrita e o leitor inseridos dentro de uma sociedade específica. O «Ensaio sobre a Cegueira» é o livro de que mais gosto dele (ao lado de *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis* – os três melhores livros de Saramago). Mas o «Ensaio sobre a Cegueira» foi o que mais me perturbou, que mais me entusiasmou, o que li num estado de quase alucinação, pela temática, pela narração, pelo entendimento do escritor das relações de poder e da raça humana, é o que entra mais na alma

do homem e da mulher face a realidade contemporânea e às componentes mais marcantes dos dias de hoje: a violência, a hipocrisia, a competição, o horror, a morte, a sobrevivência precária, a loucura e o caos.

10. Já conheceu pessoalmente o autor José Saramago?

Conheci pessoalmente o José Saramago, bem como a ex-mulher, a escritora Isabel da Nóbrega, uma excelente escritora, contista e cronista, hoje esquecida. Conheci e conheço também a mulher, Pilar del Rio de quem gosto também muito. O José Saramago era um homem duro, austero, visto ter tido uma vida difícil de trabalho e de contestação ao regime político anterior ao 25 de Abril de 1974, data da Revolução dos Cravos, a instauração da democracia. Mas era de um afecto extraordinário, inteligente, compreensivo, interessado pelos jovens escritores, divulgando-os em encontros públicos. Era seguro nas suas ideias, lutava por elas e fez um caminho único na literatura portuguesa. Vindo de um lugar pequeno do interior, com poucos estudos, começou por ser um desconhecido tradutor, a trabalhar em editoras, tornou-se jornalista e veio a ser o maior escritor português conhecido em todo o mundo através do Nobel. Sempre foi cordato no trato, mas não escondia nunca o que pensava. Foi um homem coerente e com uma vida empolgante.

11. Quando se pensa na sociedade ficcional do romance “A Loucura Branca”, ela é influenciadora da loucura do personagem?

12. É possível dizer que Vítor era um cidadão alienado e só se desvincula dessa alienação em um estado de loucura?

13. O objeto que Vítor recebe e imana uma luz branca, poderia falar um pouco sobre ele.

14. De alguma maneira, a sociedade capitalista, nas relações de poder, foi propulsora para o estado de loucura do personagem?

15. É possível inferir uma leitura crítica em relação à constituição do sujeito em sociedade? Ou seja, pode-se dizer que Vítor devido às privações relacionadas ao seu tumor, deixa de pertencer, perdendo sua identidade?

RESPOSTAS

11, 12, 13, 14, 15 – Acho que as respostas a estas perguntas já as dei nas respostas às perguntas anteriores quando falei da Loucura Branca e do personagem Vítor.

Apontamento extra:

Talvez lhe interesse para o conhecimento da minha obra e da sua recepção nos leitores e críticos – Sempre me foi dito pelos leitores que a minha poesia é «estranha» ou que é «demasiado hermética». Isso não me intimidou, nunca me influenciou no sentido de me empurrar para correntes de maior legibilidade. Quando declaram «pessimista» ou «negra», vejo que houve uma aproximação, por ventura uma entrada num terreno inicialmente velado – quase vedado – que não se abre de modo exclusivo a impulsos de sensibilidade ou a interpretações da inteligência. Os encontros entre os leitores e os meus textos estabelecem, tanto quanto me apercebo, laços de cumplicidade sobre um universo raramente recoberto por palavras. A crítica publicada não é judicativa, nem normativa. Ela tem sido de uma extrema importância para mim porque me vem ensinando a reflectir sobre a minha escrita, as suas motivações, a sua génese e até mesmo a tornar-se mais consciente da minha própria linguagem. Destaco os textos de Eduardo Prado Coelho, João Barrento, Joaquim Manuel Magalhães e Hugo Pinto Santos, que foram importantíssimos nesse papel que não é o de influenciar, mas o de aprofundar a leitura.

Camille, obrigado pelo seu interesse e atenção. Espero que estas palavras que escrevi a ajudem no seu trabalho universitário. Cumprimentos e abraços para você e também um abraço para o professor Daniel.

Jaime Rocha

Recebido em setembro/2017.

Aceito em outubro/2017.